

Crise maior pode ajudar o entendimento nacional

Trabalho prevê queda mais acentuada da atividade econômica no início de 1991

ROLF KUNTZ

Maior desemprego, menor atividade e inflação mais baixa formam o cenário provável para o primeiro trimestre de 1991, se persistir a atual política econômica, calculam especialistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Se isso ocorrer, acrescentam, ficará mais fácil um "entendimento nacional em torno de uma proposta — como no México — que possa trazer finalmente a inflação a níveis aceitáveis".

A avaliação aparece em estudo do Instituto de Economia Industrial da UFRJ, um trabalho coordenado pelo professor Antônio Barros de Castro. Segundo o relatório, um forte controle do dinheiro, com juros bastante altos para derrubar a atividade econômica, é indispensável para conter a espiral preços-salários.

Preços e salários têm continuado a subir aceleradamente, de acordo com o trabalho, porque o nível de atividade, embora menor que o do ano pas-

sado, não caiu tanto quanto esperavam os responsáveis pela política econômica. A resistência da inflação, diz o boletim, não se explica somente pela ação de oligopólios. As pressões também se originam em setores competitivos e até os salários têm aumentado em termos reais, segundo o estudo. "A evolução real dos rendimentos do trabalho desde a decretação do Plano Collor tem sido mais favorável do que em geral se imagina", afirma o relatório. Essa conclusão é sustentada por um cálculo não habitual: os rendimentos são deflacionados não pelo índice de preços do próprio mês, mas pelo do mês seguinte.

Até agora, o combate à inflação não pode ser considerado um sucesso nem um fracasso, segundo o relatório. Mas dois fatos positivos são destacados: nada sugere uma aceleração maior da inflação, porque a equipe econômica recuperou e vem aplicando os instrumentos convencionais de política, especialmente de controle monetário; em segundo lugar, a atividade econômica parece haver arrefecido, depois de alguma expansão até agosto.

A política econômica, segundo o estudo, tornou-se mais flexível a par-

tir de setembro e apresentou dois desvios: o Banco Central interveio fortemente no mercado de câmbio para forçar a valorização do dólar comercial e, em segundo lugar, emitiu dinheiro em volume suficiente para impedir uma grave crise no sistema financeiro. Ficou claro, segundo o relatório, que a prioridade atribuída ao combate à inflação vale até certo ponto: o governo está disposto a pressionar o sistema financeiro e a sacrificar objetivos de comércio exterior apenas dentro de certos limites. É preciso evitar que juros excessivamente altos ameacem as instituições financeiras, comprometam o próprio refinanciamento da dívida pública e, afinal, aumentem perigosamente os custos do Tesouro. Não se deve esperar, portanto, a aplicação incondicional da política de dinheiro escasso e juros altos.

Apesar dessa correção de rumo, a equipe econômica deverá continuar apostando na política monetária e no controle das contas públicas para derrubar a inflação, segundo os economistas da UFRJ. Os resultados poderão não ser muito rápidos, mas certamente aparecerão dentro de alguns meses.